

5

O telespectador e o foco na notícia – a análise dos discursos

Uma vez apresentados o tema de estudo, o referencial teórico adotado e o processo metodológico aplicado na pesquisa, cabe agora expor os resultados obtidos através da análise dos discursos. Mas antes, é essencial apresentar um breve perfil dos entrevistados.

5.1.

Quem são os telespectadores em questão?

Antes de divulgar os resultados da pesquisa, é necessário fornecer algumas informações que caracterize o perfil dos dez entrevistados. A média de idade foi de 58 anos. Somente dois homens participaram da pesquisa, porém o sexo dos entrevistados não fazia parte dos requisitos básicos listados no capítulo anterior. Em relação ao grau de instrução dos participantes, a maioria tem segundo grau completo. Como fazia parte do “perfil de alta definição” todos os entrevistados deveriam assistir à televisão por pelo menos três horas. A média de todos os participantes foi de cerca de cinco horas.

Na tabela abaixo, o leitor encontra todos os dados de identificação dos sujeitos.

Apelido	Idade	Profissão	Escolaridade	Tempo
Natália	27	Atriz	3º comp.	5 horas
Letícia	75	Dona de casa	2º comp.	5 horas
Regina	73	Dona de casa	2º comp.	8 horas
Joana	41	Empresária	2º comp.	3 horas
João	45	Engenheiro	3º comp.	3 horas
Lucia	66	Aposentada	2º comp.	5 horas
Teresa	41	Assistente Social	3º comp.	8 horas
Adriana	75	Dona de casa	2º comp.	4 horas
Tadeu	66	Economista	3º comp.	6 horas
Flávia	77	Dona de casa	2º comp.	4 horas

5.2.

A importância da TV no século XXI

O ponto de partida de todas as entrevistas foi a investigação da importância da televisão na vida dos entrevistados. Três categorias emergiram das falas dos participantes: diversão, informação e companhia. A busca pelas últimas notícias do país e do mundo é o principal foco da maioria dos entrevistados. Joana, em seu relato, diz que:

A importância é que é na TV que eu sei de todos os acontecimentos, de tudo, desde os jornais e me intero no que está acontecendo no Brasil e no mundo. **[Então a TV para você é uma maneira de obter informação?]** É, exatamente. Tem um certo divertimento também de passar o tempo, mas eu me pego mais em ver o jornal mesmo, isso realmente me faz falta. Não me faz falta deixar de ver um filme, mas me faz falta deixar de ver o jornal. (Joana, 41 anos, empresária, assiste à TV três horas por dia)

Através da modernização e dos avanços tecnológicos as notícias chegam mais rápidas aos telespectadores seja através da internet, do rádio ou da própria televisão. Com o passar do tempo, os jornais impressos, que fundaram a imprensa brasileira em 1808, deixaram de ser a forma mais eficiente, quando falamos em velocidade. É o que podemos perceber nos discursos de Tadeu, Adriana e Regina:

Eu acho que a televisão é a sua janela pro mundo, né? Você tem que estar em contato com um mundo de alguma maneira. Eu parei de ler jornal. Eu só leio jornal domingo. Porque tudo que está no jornal, embora ele venha com mais detalhe, ele seja mais completo e tal, tem mais coisa, mas já não é a avidez de correr atrás da notícia. Você tem a notícia o dia inteiro nos telejornais. Você tem a *CNN* em inglês, em espanhol, você tem a *Band News*, toda hora de 20 em 20 minutos ele volta. (Tadeu, 66 anos, economista, assiste à TV seis horas por dia)

Eu acho que eles (telejornais) mostram de uma forma sintética o que está acontecendo no mundo inteiro. Eu acho que hoje em dia você praticamente não precisa ler jornal. Eu assino o jornal *O Globo* também por vício. Porque tudo que eu vejo no *O Globo* eu já vi na televisão. Então no dia seguinte eu vou comprar o jornal eu vou ler todas as notícias iguais. Eu acho que eles já abrangem o mundo inteiro. Eu acho muito bom, mas ao mesmo tempo que é bom é apavorante você ficar sabendo das coisa de imediato. A coisa está acontecendo e você está sabendo logo o que está acontecendo. E também é uma coisa que te assusta, né?

(Adriana, 75 anos, dona de casa, assiste à TV quatro horas por dia)

[...] eu já nem compro mais jornal, eu vejo os canais de jornais da televisão de vários canais, para não ficar influenciada apenas por um, e nem compro mais jornal, já é uma despesa a menos. (Regina, 73 anos, dona de casa, assiste à TV oito horas por dia)

Segundo João, a televisão “é o veículo mais atual de informação, que você tem quase online, né? Então, pra mim hoje, é o mais importante.” (João, 45 anos, engenheiro, assiste à TV três horas por dia)

Flávia ficou sabendo sobre o atentado terrorista que ocorreu nos Estados Unidos no dia 11 de setembro de 2001, pelo rádio. Porém, optou por acompanhar as notícias através da televisão.

Eu não assisto televisão de manhã, mas deu no rádio, eu liguei a televisão. Eu tava ouvindo música no rádio e deu, aí eu fui assistir na televisão. A gente fica a par das coisas muito rapidamente. (Flávia, 77 anos, dona de casa, assiste à TV quatro horas por dia)

Para alguns, a televisão fornece informação e entretenimento.

Não é só informação, também é (pausa) pra mim televisão primeiro é informação e segundo diversão. Tem as novelas e tal que quando eu tenho tempo eu vejo, também diversão, pra mim hoje em dia, em primeiro lugar é informação sim. E principalmente de economia, o que está acontecendo no mundo da economia. (João, 45 anos, engenheiro, assiste à TV três horas por dia)

Para outros, em um primeiro momento, o foco é exclusivo como diversão. É o que percebemos nos discursos de Natália e Teresa respectivamente.

A importância é mais para me divertir mesmo para ver filmes. Eu não vejo a televisão como uma forma diferente a não ser uma diversão. (Natália, 27 anos, atriz, assiste à TV cinco horas por dia)

A TV pra mim tem grande importância porque saio pouco e praticamente tem sido a única diversão que eu tenho, além de passar o tempo. [**Como assim passar o tempo?**] Divertir, passar o tempo antes de chegar o sono ou sair, etc. (Teresa, 41 anos, assistente social, assiste à TV oito horas por dia)

Para Lucia a televisão é companhia.

Eu acho que a TV faz companhia e também esclarece um monte de coisas. [...] às vezes fica ligada apenas para ter um som. Às vezes estou lendo um livro e está aquilo ali falando. (Lucia, 66 anos, aposentada, assiste à TV cinco horas por dia)

Flávia critica esta postura.

Eu tenho amigas que são velhinhas que nem eu, que só ligam a televisão para fazer barulho, porque moram sozinha, eu acho isso uma bobagem, então põe musica. Agora eu assisto mesmo. (Flávia, 77 anos, dona de casa, assiste à TV quatro horas por dia)

5.3. Assistir é...

[...] sentar, escutar o que está falando e entender, eu acho que assistir é isso. Porque você ficar ali na frente da televisão fazendo outra coisa, e não está nem aí, só com o barulho da televisão. [...] Eu sento, assisto, depois eu comento com a minha irmã. Assistir é participar daquele noticiário. (Flávia, 77 anos, dona de casa, assiste à TV quatro horas por dia)

Mas a maioria dos entrevistados não tem como hábito o mesmo modo de assistir como o de Flávia. Para eles, assistir à televisão não exige dedicação exclusiva, ao menos que o conteúdo seja um filme, por exemplo.

Já foi o tempo que eu assistia televisão como um fato como se fosse uma mulher amamentando, é só aquilo, mas hoje não. Hoje eu tô na internet, tô ouvindo a televisão. Hoje, ela é um pouco (pausa) deixou de ser o foco principal e passou a ser multimídia, né? Tô vendo ali, tô vendo a internet, não fico concentrado vendo televisão a não ser que seja um filme especial, uma coisa mais especial, mas no dia-a-dia não é assim um negócio que eu tô concentradíssimo vendo. Um filme seria uma programação que eu ficaria concentrado para não perder o fio da meada, agora o resto não. **[Mas a sua atenção se volta para lá de vez em quando?]** Volta para lá de vez em quando. Quando tem um fato relevante, ou que interessa. Mas eu tô na internet, tô vendo uma notícia, uma pessoa interessante sendo entrevistada, ou até uma novela um momento importante (pausa) eu tô vendo meu e-mail de repente pinta um momento importante, mas não que seja o foco total. (João, 45 anos, engenheiro, assiste à TV três horas por dia)

Depende do que eu estou assistindo. Se eu tiver assistindo um canal um programa qualquer por exemplo o Luciano Huck algumas coisas me interessam que eu pare e sente e assista. Outras coisas eu tô sei lá fazendo comida, lendo não sei o que no computador, depende do que eu vou assistir. **[e como a TV chama a sua atenção para ela?]** Se eu to cozinhando e sei que vai começar algum programa que eu quero ver eu fico atenta ouvindo, pode ser uma música por exemplo. Se for um filme, aí sim eu estou sentando para assistir. Se for um programa até mesmo um seriado às vezes eu tô no computador e fico sabe (pausa) o que mais me chama atenção para eu assistir mesmo, sentar e assistir seria um filme. (Natália, 27 anos, atriz, assiste à TV cinco horas por dia)

Ao responder a mesma pergunta, “o que é assistir para você?”, feita aos demais entrevistados, Leticia levantou aspectos interessantes.

Para mim é dar uma relaxada. Eu não tenho empregada, eu não tenho ninguém, então quando eu estou meio cansada eu ligo para dar uma relaxada. E geralmente ligo assim, em jornal, nessas coisas. Eu não gosto de programa de humor, eu não gosto, de novela eu não gosto, sabe? (Letícia, 75 anos, dona de casa, assiste à TV cinco horas por dia)

O discurso da dona de casa é interessante pelo fato de buscar relaxamento através dos telejornais e não dos programas veiculados com esta finalidade. Quando questionada se exercia outras atividades durante o “assistir” ela respondeu:

Depende. De manhã eu assisto à Ana Maria Braga, então enquanto eu ouço a Ana Maria Braga eu faço as minhas atividades todas da casa enquanto passa o programa dela. Ai quando eu vejo que vai passar uma coisa interessante, eu largo o que estou fazendo e vou assistir. Mas geralmente eu ouço mais do que assisto. (Letícia, 75 anos, dona de casa, assiste à TV cinco horas por dia)

Em relação ao ouvir versus assistir, o mesmo acontece com Regina.

Tem programas que eu até ouço mais do que eu vejo, e tem outros, que, por exemplo, eu paro de bordar e eu fico exclusivamente vendo televisão. **[Quais são os programas que você só ouve e continua bordando? Quais são os gêneros?]** Mais jornal. Mas quando é um filme, quando é um documentário, que eu gosto muito, ai não, ai eu paro o que eu estou fazendo. **[Então nos telejornais você não pára?]** Na maioria das vezes não, a não ser que tenha um assunto que eles vão mostrar e me interessa mais. O comum, mais assim do dia-a-dia, eu ouço mais do que vejo. (Regina, 73 anos, dona de casa, assiste à TV oito horas por dia)

5.4.

Uma nova opção: TV fechada

Em 30 de julho de 1990, aconteceram as primeiras concessões de TV fechada no Brasil. No dia 15 de setembro de 1991, os assinantes começaram a assistir a uma programação alternativa.

Apenas Lucia e Teresa não são assinantes da TV fechada. A primeira mora em uma região que não é atendida pelas operadoras e nunca pensou em assinar uma TV a cabo que receba o sinal via satélite. E a segunda acabara de mudar para um novo apartamento e não havia religado o sinal até a data da entrevista. Ela afirma estar sentindo falta:

No momento não tenho, mas posso dizer que tive a vida toda. Sempre tive a TVA e por último a NET. A imagem e a programação da TV a cabo são infinitamente melhores. **[Por que?]** A programação é melhor por conta da variedade de canais. **[O que você acha do conteúdo de cada uma delas?]** Eu sinto falta de alguns programas que via na TV a cabo. Acho que a TV a cabo, por ter canais específicos, facilita muito. Por exemplo: canal infantil, canal de filmes, etc. Isso ajuda a você não ser obrigado a estar vendo um programa, ele acabar e entrar uma programação que não tem nada a ver com você. Por exemplo: a Xuxa. Já o conteúdo da TV aberta eu acho variado. Tem programação para todas as idades, os jornais são bons. O problema só é aquele que te disse tem que ficar trocando de canal. (Teresa, 41 anos, assistente social, assiste à TV oito horas por dia)

Tadeu assina a TVA pela variedade de canais internacionais que a operadora oferece aos assinantes. O economista assiste com frequência a um canal japonês, e compara a programação brasileira com a nipônica.

A nossa televisão é uma concessão pública, né? Então ela deveria ser obrigada a colocar programas culturais de alfabetização, como a TV japonesa faz. O que o comentarista fala, o que ele está falando vai aparecendo em japonês na tela. E quando alguém toma a palavra o discurso muda de lado. A programação (brasileira) é fraca porque faltam programas educativos. **[Você assiste muito a TV a cabo?]** Ah, sim. A nossa televisão é muito fraca. Não é só a nossa não é no mundo inteiro. O mesmo ocorre na França, e na Alemanha porque não tem programas culturais que você possa sentar e ver. A italiana é uma baixaria. E a do oriente médio também não fica atrás: Futebol o dia inteiro. (Tadeu, 66 anos, economista, assiste à TV seis horas por dia)

João afirma que inicialmente se tornou assinante da TV a cabo com intuito de ter uma melhor qualidade de imagem

Curiosidade: As TVs a cabo tiveram início nos Estados Unidos nos primórdios da televisão. Devido ao sinal convencional da TV andar em linha reta, a recepção em regiões montanhosas, vales ou cercadas por prédios é muito ruim. A solução para obter uma melhor imagem foi colocar uma antena no alto do morro e através de cabos distribuir os sinais. Em 1961, tinham cerca de 700 sistemas. Dez anos depois, já eram 3000. O grande potencial comercial deste sistema foi percebido e originou a TV a cabo que conhecemos hoje em dia. Passou-se a oferecer mais canais tornando a programação mais variada auxiliada por uma rede de microondas. Em 1974, o primeiro satélite foi enviado ao espaço para mandar sinais para as TVs a cabo. Fonte:

<http://www.tudosobretv.com.br/histortv/historcabinicio.htm> Acesso em 07 de fevereiro de 2008 às 11:23.

dos canais abertos, e de não ficar dependendo das antenas VHF ou UHF. Segundo ele, hoje, a vantagem vai além da qualidade de imagem, é um enriquecimento cultural.

A TV a cabo começou sendo uma opção pra pegar melhor a Globo, né? No início. E hoje ela uma opção de cultura, né? E de desenvolvimento pessoal. Pô, muito legal você pegar o Discovery Channel e vê uma história. Eu vi um programa sobre o Vaticano (pausa) maravilhoso e é como se você estivesse indo a Roma. Então você tem muitas opções. No início, era porque a Globo não pega aqui. Principalmente aqui na nossa área e hoje ela (TV a cabo) tem um conteúdo. (João, 45 anos, engenheiro, assiste à TV três horas por dia)

Segundo Regina e Lucia, o conteúdo da TV aberta de uma maneira geral é péssimo. Regina vê a necessidade de gastar dinheiro assinando os canais fechados.

Os programas são ridículos. De péssimo nível, super repetitivos, sem nenhuma imaginação, realmente não dá. Eu sei que é um dinheiro que eu gasto, mas que eu tenho que gastar, porque até as novelas estão ficando super repetitivas, tirando uma ou outra, um período assim melhorzinho, mas é muita apelação. **[E o que você acha da programação da TV a cabo? O que você acha do conteúdo?]** Tem muito mais opção, né? Tem opção de vários filmes, tem opção desse Animal Planet que eu também sou muito ligada em animal, documentários que eu acho ótimos, histórias, histórias verdadeiras quando passam em tempo antigo, enfim, é o que eu gosto mais de ver é isso. **[Por que?]** Porque tem mais conteúdo que me interessa mais, que me instrui inclusive; pra mim eu acho muito melhor do que ver estas bobagens desses programas, que a vida inteira são a mesma coisa, os mesmos quadros, as mesmas bobagens. Eu acho que só criança mesmo, porque adulto com um pouquinho mais de cabeça não aguenta ver. (Regina, 73 anos, dona de casa, assiste à TV oito horas por dia)

O conteúdo poderia ser melhor, né? Ter uns programas melhores, que informassem mais. Tem uns programas que não dizem nada, só ficam fazendo comida o dia inteiro, tem uns programas de manhã que são horríveis. Em vez de fazer um programa com mais informação, visando esclarecer outras coisas, botam umas pessoas lá que não tem nada a ver, né? Às vezes só porque é uma atriz, uma pessoa conhecida, botam lá para fazer número. E tem pessoas que assistem. (Lucia, 66 anos, aposentada, assiste à TV cinco horas por dia)

A televisão deveria ser mais uma maneira de instruir a população segundo Natália e Adriana. Mas elas acreditam que com a programação que é veiculada atualmente isto é impossível. E um fator que contribui para esta situação é que

grande parte da população brasileira não tem condição financeira de pagar pela TV fechada.

Eu acho que a TV aberta está cada vez mais se perdendo, sacou? São poucas coisas de qualidade. De qualidade mesmo. Até mesmo as novelas, sabe? Não são mais interessantes como eram antigamente. Eu era noveleira, eu não saía de casa sem assistir às novelas das seis, sete e oito, sabe? Ninguém falava comigo. Hoje em dia, eu fico vendo a novela e falo gente é a mesma história. [...] A TV a cabo tem coisas mais interessantes a ser mostradas para a gente. Eu não sei explicar direito, mas é (pausa) não tô nem falando de seriado não, o GNT, os programas do GNT são muito melhores. O Multishow, os programas de entrevista, os de viagem, *reality shows*. Mas não de *Big Brother*, sabe? Na TV aberta você vai ver o que? A Luciana Gimenez que o traveco pegou não sei quem, que o traveco transou com o atorzinho tal. Pelo amor de deus gente. E como a maioria das pessoas não tem TV a cabo acabam se sujeitando a isso e por isso que a cada dia elas pensam menos, sabe? Acabam com a cabecinha assim (gesticulou se referindo a uma coisa pequena), por que estão vendo Luciana Gimenez, estão vendo novela enquanto podiam estar vendo um filme, documentários. (Natália, 27 anos, atriz, assiste à TV cinco horas por dia)

A TV aberta, ela tá um pouco com o gosto muito popularresco, né? Não está buscando você elevar o conhecimento das pessoas. Eu acho que precisava de programas de mais cultura. Às vezes na TVE, eu passo as vezes na TVE, eu gosto de programas de cultura de lá que são interessantes. Eu acho que falta isso. Estão dando só o feijão com arroz que as pessoas estão acostumadas a comer. Não estão tendo a ousadia de mostrar uma coisa melhor, para as pessoas olhar pra cima e tentar chegar lá. (Adriana, 75 anos, dona de casa, assiste à TV quatro horas por dia)

Como é possível perceber, todos os entrevistados reclamaram da qualidade da TV aberta brasileira. Joana ressaltou que atualmente todos os canais exibem o mesmo gênero de programas no mesmo horário. Por exemplo: de manhã as emissoras exibem produtos que agradam o público feminino: Rede Globo, *Mais Você*; Rede TV, *Bom dia Mulher*; Bandeirantes, *Bem Família*; Rede Record, *Hoje em Dia*. Ela afirmou ainda que considera pequena a quantidade de canais abertos.

Olha, a questão da TV aberta é que a gente é limitado, né? São poucos canais e é muito em cima daquilo. Então, chega no final da tarde, sete horas, é novela quase que em todas (as emissoras), são muito parecidas as programações de todas, né? Até mesmo pela concorrência de IBOPE, né? Então a outra põe novela, a outra põe novela e a gente fica meio limitada. É só aquilo dali que a gente tem naqueles determinados horários. (Joana, 41 anos, empresária, assiste à TV três horas por dia)

5.5. Os telejornais como fonte de informação

Ao elaborar uma pergunta sobre o conteúdo dos telejornais a maior parte dos entrevistados tocou em dois pontos: 1) que as matérias eram superficiais, 2) abordavam na maioria das vezes a desgraça. Como conta Flávia:

Eu acho que a gente tem que estar a par das coisas que acontecem no nosso país e também no mundo, não é? Então por exemplo: mas eu acho as vezes pobre o *Jornal Hoje*. [...] da mais desgraça do que uma coisa boa, das cinco notícias às vezes três são de jovens com cocaína, assalto, eu acho que isso já cansou um pouco a gente. [...] eles gostam (de mostrar) da polícia batendo, a polícia matando, mas eu acho que isso também não precisa. Basta mostrar que aquilo ali tem que ser corrigido mesmo. Mas não ficar mostrando esses detalhes que a mim incomoda, entendeu? (Flávia, 77 anos, dona de casa, assiste à TV quatro horas por dia)

Curiosidade: Flávia, em seu depoimento, nos disse que quando morou na Colômbia percebeu que os jornais eram proibidos de dar nas primeiras páginas notícias cujo tema fosse desgraça. “Dá mais notícia que a polícia ganhou do bandido, porque o bandido sempre ganhando dá uma impressão muito ruim. Até para as crianças que vão achar que fácil roubar.” (Flávia, 77 anos, dona de casa, assiste à TV 4 horas por dia)

Mais adiante na conversa a dona de casa afirma que:

[...] tem coisas boas mas eu acho que é muito pobre ainda o nosso noticiário. E depois eu tenho assinatura do jornal O Globo e a minha filha tem do Jornal do Brasil, o que você vê na televisão repete no O Globo repete no Jornal do Brasil, não tem uma coisa assim (pausa) eu as vezes vou sair e eu não leio jornal, já vi tudo pela televisão. (Flávia, 77 anos, dona de casa, assiste à TV quatro horas por dia)

Através das duas citações, pode-se concluir que a idéia de pobreza é referente a quantidade de assuntos, e não em relação a qualidade da informação, ou seja, a notícia não é superficial. É importante ressaltar que ela não percebe uma diferença entre o conteúdo dos telejornais e dos jornais impressos. Por outro lado, Joana tem outra opinião:

Como eu tenho assinatura do *Jornal O Globo* também, eu acho que eles (os telejornais) se detêm muito em um determinado ponto e não abrange em vários outros pontos, como a gente pega um jornal escrito e vê. Então eu sinto a necessidade de ler o jornal, de pegar um jornal escrito e ler, pelo fato de que ele abrange muito mais notícias. E os telejornais ficam um pouco limitados. Por isso, eu gosto de ver vários tipos: o *Jornal da Globo* ele pega notícias que o *Jornal Nacional* não pega, o *Jornal Hoje* pega notícias que os outros não pegam, então cada um tem uma característica. Então falta um pouco, fica um pouco limitado. (Joana, 41 anos, empresária, assiste à TV três horas por dia)

João tem um ponto de vista similar ao de Joana.

Olha, por exemplo, no *Jornal da Globo* ou melhor no *Jornal Nacional* ele tem coisas mais nacionais, específicas, coisas que acontecem, faz uma reportagem sobre o cara de Caruaru. E os outros jornais mais tardes, que são os que eu vejo mais, eles têm um foco mais econômico, né? Tem esporte e economia. E são as coisas que eu estou mais querendo ver. Este resto eu vejo no jornal escrito que eu leio todo o dia também. **[Mas o que você acha do conteúdo dos telejornais?]** Eles me atendem. Eu acho engraçado que por exemplo os jornais brasileiros, como eu sou um engenheiro, um cara de recurso, eles têm um conteúdo adequado ao nível de profundidade que eu quero ter na matéria. Às vezes você está assistindo a um jornal americano tipo CNN e eles vão lá e entrevistam o dentista do cara que explodiu a bomba deles, né? Eles estão em determinado nível acima do que é preciso. [...] os jornais são muito chatos. A não ser quando é uma matéria, eu vi na CNN antes quando caiu esse avião aí lá de São Paulo eu soube pela CNN ela tava antes. Tava lá mostrando tempo todo. Um cara de avião lá fora, chamou vários pilotos, tem coisas que essa profundidade é legal saber. Mas em noventa e nove por cento dos casos não é legal. (João, 45 anos, engenheiro, assiste à TV três horas por dia)

Ele complementa:

Existem particularidades em todos os telejornais. O *Jornal da Globo* é mais abreviado, tem um tom de economia. O *Jornal Nacional* tem pouco de variedades, quer dizer tem um lado de variedades, então cada telejornal tem um pouco de (pausa) eu consigo distinguir eu não sei se são todos, mas eu consigo ver essas diferenças. (João, 45 anos, engenheiro, assiste à TV três horas por dia)

Apesar da quantidade de matérias cujo tema é violência Letícia diz ficar bem informada através dos telejornais.

Hoje em dia só tem violência, mas eu acho que traz uma boa informação. Tirando essa parte de violência, de drogas eu acho que traz uma boa informação. (Letícia, 75 anos, dona de casa, assiste à TV cinco horas por dia)

Tadeu corrobora:

Aqui a corrupção é grande, o banditismo é grande, e a droga está dominando. Então isso acaba dominando os telejornais, né? Quando você um telejornal gerado no Iraque, só vai dar caminhão bomba. Não vai dar outra coisa. Só hoje, mataram 78 lá de manhã com caminhão bomba. Os telejornais, os nossos eles estão muito voltados para isso porque é notícia e da ibope. Então você vê a chamada para os telejornais a Fátima aparece toda bonitinha, penteadinha e diz: olha morreram hoje 150 no Iraque. Não perca hein. Parece que aquilo é um espetáculo fantástico. Você vai inebriado com

aquilo. Ela apresenta assim, passou a ser atração. A morte, né? (Tadeu, 66 anos, economista, assiste à TV seis horas por dia)

Teresa, para não assistir às desgraças, só vê os telejornais da Rede Globo.

[**O que você acha do conteúdo dos telejornais?**] Eu gosto. O único problema é que se concentram no Rio e em São Paulo. Pouco falam dos outros estados. Mas até é compreensivo, não daria tempo. [**Quais telejornais você assiste?**] Eu assisto ao *Jornal Hoje*, *Jornal Nacional* e aos jornais locais. [**Todos da Globo?**] Sim. Os locais dos outros canais só tem desgraça. Às vezes, muito às vezes eu vejo o do canal 11 a noite, mas nem sei o nome. (Teresa, 41 anos, assistente social, assiste à TV oito horas por dia)

Quando foi perguntada sobre as diferenças que ela identificava nos telejornais da Globo, Joana falou sobre a superficialidade nas reportagens e sobre o valor dos comentaristas.

O *Jornal Nacional*, eu acho que é uma coisa, eu acho que é o mais superficial deles. Ele dá muita manchete, mas é muito superficial. O *Jornal da Globo* não. Hoje com a Cristiane Pelajo, ela se pega mais em detalhes, eles comentam mais, eu acho legal isso, como o *Bom Dia Brasil* também, tem a Miriam Leitão, comentando coisas, o Alexandre Garcia comentando sobre os bastidores de Brasília, falando de coisas que acontecem, então eu acho que eles são mais realistas. O *Jornal Nacional* me passa uma coisa mais *an* *passan* mesmo. E os outros eu acho que eles pegam mais, eles fazem comentários, o *Jornal da Globo* tem o Jabor, que sempre faz o comentário a noite, que eu acho muito bom, críticas ótimas da política de hoje, então, eu gosto muito destes dois por causa disso. (Joana, 41 anos, empresária, assiste à TV três horas por dia)

João acredita que a qualidade dos telejornais de todos os canais é muito equilibrada. O que os diferencia é a exposição, maior ou menor, direta ou indireta, do conteúdo editorial da emissora.

Os da Record eu assisto pouco porque, eu dou o azar de não estar, não por qualidade porque eu acho que os jornais são muito equilibrados. Eu não vejo a Globo por causa do William Bonner. Ele pode estar falando besteira, que eu vou estar na Record que o cara está falando da crise do gás. Que está dando uma opinião. Tanto os jornais da Record como o *Jornal da Band* eles têm um conteúdo editorial maior onde a opinião do repórter ela aparece. No *Jornal Nacional* e no *Jornal da Globo* isso é (pausa) você deduz que ele tem uma opinião mas nos outros ele é muito mais claro. O *Jornal Nacional* ele não tem opinião, é muito raro. E o *Jornal da*

Globo, ele te induz a opinião dele. No *Jornal da Band* e nos jornais da Record você vê a opinião do cara. Ele quase fala assim: puta que pariu esse cara é bandido! Tinha que estar na cadeia. (João, 45 anos, engenheiro, assiste à TV três horas por dia)

Regina acredita que muitas vezes os telejornais são tendenciosos para a política da direção da empresa, mas considera que eles dão uma boa informação.

Natália demonstra satisfação com o que assiste.

[O que você acha do conteúdo dos telejornais?] Eu acho que são completas sim. Eu não entendo muita coisa porque eu não tenho com qual outro telejornal para comparar. Mas o que eu vejo no *Jornal Nacional* eu fico satisfeita, sabe? Eu acho que não tem mais nada para acrescentar ou a enrolar. Eu acho que eles fazem o serviço deles e é um conteúdo suficiente. (Natália, 27 anos, atriz, assiste à TV cinco horas por dia)

5.6.

O design da notícia *versus* a informação

Os cenários e outros elementos visuais (vinhetas, tarjas, marcas entre outros), estão presentes no telejornalismo da Rede Globo desde a sua estréia. Como foi visto no capítulo dois desta dissertação, através do *Jornal Hoje*, eles sofreram diversas alterações com o passar dos anos.

Ao perguntar o que visualmente chama a atenção dos entrevistados nos telejornais, as respostas obtidas foram as mais variadas possíveis. João fez uma correlação com o telejornalismo norte-americano.

Os jornais da Rede Globo eles usam muito o estereótipo americano. Antigamente você via claramente a diferença entre Globo, Band e etc, né? Hoje eu vejo menos. Eu acho que todas imitam aquele negócio de você ter o âncora e você ter homem e mulher e isso tudo veio primeiro lá de fora. Eu via isso lá fora. Eu trabalhava em empresa de consultoria então eu ia muito lá pra fora e via televisão. Há dez anos atrás, quinze anos atrás, eles (emissoras brasileiras) tinham um negócio mais atrasado, mais local, né? Aquele negócio Cid Moreira lá no Jornal Nacional. Aí lá fora eu notei que começou a ter os dois homem e mulher. Depois lá fora veio o cara do tempo. Aquela mulher do tempo, entendeu? Que começou a aparecer. Que eu via lá fora e não via aqui. E aí aqui chegou a mulher do tempo. E aliás, lá fora isso é um puta negócio porque ela aparece mais. Então é legal ser do tempo. Não é igual aqui que você vê aquela mulher bonitinha. Lá fora do tempo é legal, porque o cara fala com aquele mapa. E eu to lá interessado no tempo da Coréia? Mais fala. Então a gente tá muito parecido com os Estados Unidos. A Globo então é escancaradamente parecida com os telejornais internacionais. É um formato que não deixa de ser um formato legal, né? (João, 45 anos, engenheiro, assiste à TV três horas por dia)

Natália fez referência a estética adotada por diversos telejornais no Brasil, dentre eles o *Jornal Hoje*, *Jornal Nacional* e *Jornal da Globo* (Rede Globo), *Em Cima da Hora* (Globo News), *Jornal da Band* (Bandeirantes), *Jornal da Record* (Rede Record), que já podia ser visto nos produtos norte-americanos alguns anos antes de vermos por aqui. Os apresentadores em primeiro plano e a redação ao fundo.

De ver assim eu gosto do Jornal Nacional que tem as pessoinhas lá atrás eu prefiro do que aquele negócio meio brega atrás assim de fotos do Rio de Janeiro. Eu prefiro por que aproxima mais a gente, entendeu? É uma coisa mais assim próximo da gente, tem pessoas ali trabalhando e pessoas ali na frente agora cenarozinho, não sei, afasta um

pouco assim. (Natália, 27 anos, atriz, assiste à TV cinco horas por dia)

João também acha interessante ter a redação ao fundo.

No *Jornal da Globo* você tem uma bancada, a bancada é um pouco maior por que as vezes você tem entrevistas onde o cara senta. Atrás é um troço interessante porque você vê o estúdio. Você vê o pessoal trabalhando e tem a noção de que a notícia não pára, né? E esse que eu acho que é o objetivo mostrar que a notícia não pára né? São cenários agradáveis e curiosos né? Você vê que o apresentador tá lendo, ele continua falando a notícia e dá a sensação da coisa acontecendo. (João, 45 anos, engenheiro, assiste à TV 3 horas por dia)

Joana disse de imediato: “Nada, realmente nada.”
Pensativa, continuou a responder:

Na figura deles não, não sou muito de prestar atenção na figura deles ali. Vejo a imagem como um todo. No *Jornal Nacional* eu sempre vejo as pessoas passando lá atrás, isso me chama a atenção. Porque eles ficam na bancada lá no alto, e fica a reportagem toda lá em baixo, né? Então eu percebo que tem gente passando, jornalistas estão ali trabalhando, enfim, a redação está andando. Fora isso não, a imagem deles não me chama a atenção não. Ate há pouco tempo, teve uma repercussão enorme porque a Fátima Bernardes mudou o cabelo, e assim, não me chama a atenção não. **[Então no estúdio o que mais te chama a atenção são as pessoas passando na redação, no fundo atrás?]** É aquele lá é. (Joana, 41 anos, empresária, assiste à TV três horas por dia)

O que não chama a atenção de Joana é o principal foco de Teresa e Adriana.

Os apresentadores! Nem olho pros lados. Reparo em tudo, roupas, cabelo, maquiagem. **[Você não olha para mais nada? Cenário?]** Não, não. Eu não sou boa nisso. Entro e saio de carro e nem sei a cor dele. (Teresa, 41 anos, assistente social, assiste à TV oito horas por dia)

Primeiro eu gosto da aparência dos repórteres, né? Eu acho que o repórter bem apresentado, bem tratado, bem barbeado, bem vestido, é uma coisa agradável de ser ver. Eu acho que as fotografias que eles mostram. Eu gosto das chamadas que eles fazem. Eu gosto muito da aparência do telejornal que eu acho uma coisa limpa uma coisa clean, uma coisa que não querem mostrar muita coisa. Eles mostram o que realmente você precisa ver. (Adriana, 75 anos, dona de casa, assiste à TV quatro horas por dia)

Adriana complementa:

Ah , o fundo, a mesa, você vê um telejornal da Globo e de uma outra emissora, o estúdio da Globo você vê que a arquitetura da Globo é mais bem desenhada. O colorido, o contraste da roupa. Em outros lugares, você tem a mulher com uma roupa laranja e um troço laranja aqui (a parede laranja), você não sabe quem é a parede, quem é a mulher, quem é o jarro. Eu acho que lá na Globo eles têm mais cuidado com esse visual. Das coisas ficarem destacadas sem estarem cheio de mais, empetecadas. Mas está bonito o desenho, acho bonito o desenho da mesa. A maneira como as pessoas estão sentadas. Tudo é de uma forma elegante. A elegância. **[Isso é o que mais te chama atenção, a elegância?]** É a elegância. Num telejornal, a pessoa que está apresentando tem que ser elegante, tem que ser séria, não pode ser aquela pessoa “cacaca” tem que estar bem vestida, bem maqueada sem estar over, nada over. Tem que estar tudo (pausa) eu acho que a elegância da figura é importante. Da figura como um todo. E não só do jornalista mas do ambiente. (Adriana, 75 anos, dona de casa, assiste à TV quatro horas por dia)

Em seguida foi questionado se as pessoas chegavam a perder parte da notícia por prestar atenção no fundo. Para Joana e Natália isso não ocorre.

Não, eu só vi ali e pronto. É bem isso, eu acho que eu presto muito mais atenção no jornal naquilo que estou ouvindo, do que neles, ou se estão vestidos assim ou assado isso não me desperta muito não. (Joana, 41 anos, empresária, assiste à TV três horas por dia)

Tadeu afirmou que já aconteceu de ter sua atenção desviada.

Numa externa, por exemplo, às vezes eu digo para ela, você viu o que aquele cara lá atrás fez? O cara tava falando lá uma notícia e eu tava prestando atenção no que o cara tava fazendo. Ai você esquece o outro lado e concentra naquilo, às vezes acontece. Isso aconteceu comigo recentemente naquele desastre lá em São Paulo, lá no metrô que afundou, né? Eu me lembro que o cara tava falando que a estrutura e eu falei puxa mas olha como é profundo o túnel, e ai ela disse o que ele falou? Ai eu respondi: ah eu não ouvi! Eu fui olhar pro túnel. O túnel ia lá não sei aonde. Quer dizer eu deixei a notícia para lá e fui observar o túnel. Que aquilo realmente que era importante. O tamanho do prejuízo. Naquela cratera que afundou o prejuízo financeiro. [...] eu me disperso num telejornal desse pelas externas. Porque eu gosto muito de ver o que está acontecendo na externa. (Tadeu, 66 anos, economista, assiste à TV seis horas por dia)

Mas adiante na entrevista Tadeu afirmou que a perda de atenção também já aconteceu quando parou para observar a

roupa da Glória Maria ou o cabelo da Fátima Bernardes que segundo ele ambos são horríveis.

Em seguida, foi indagado se os cenários transmitiam algum tipo de informação. Natália afirmou que não e complementou:

Me deixam mais íntima dos apresentadores, porque você tá vendo que é estranho mas o que eu acho é que você realmente está vendo eles ali no trabalho deles. Quando você vê uma novela você não vê que eles estão trabalhando ali. Ali no jornal como tem as pessoas ali atrás passando e não sei o que me chama a atenção isso de alguma forma, que os apresentadores estão ali no trabalho deles e agora vão dar as notícias. (Natália, 27 anos, atriz, assiste à TV cinco horas por dia)

Para João, os cenários têm que propiciar prazer ao serem vistos.

O cenário é um negócio prazeroso de ver. É muito menos informação. Por que o que você está buscando também é ter o prazer de enxergar o cara dar a notícia, né? Que a Globo trabalha isso muito bem. Cópia muito bem e cria muito bem também. Eu não diria que ela só copia. Ela cria, né? Essas vinhetas, essas coisas lá do Hans Donner são coisas legais, né? Que te atraem também, né? [...] Os cenários principalmente os da Globo são muito legais. Porque eles são coloridos o que dá um tom de modernidade. O esquema da notícia aparecer atrás, as imagens do que o cara tá falando são muito atualizados. São muito bons. Isso é muito moderno e a gente não deve nada lá fora. Isso é muito legal. Principalmente os da Globo, né? E os outros são muito próximos. (João, 45 anos, engenheiro, assiste à TV três horas por dia)

Tadeu assiste a vários telejornais em diversos idiomas. Durante a entrevista fez comparações com os cenários utilizados no Brasil. Segundo ele, os enquadramentos adotados pelas emissoras brasileiras são muito fechados, o que não permite que o telespectador contemple o ambiente.

O cenário do telejornal japonês acho ele maravilhoso, mostra muita paisagem, mostra muita coisa bonita. No *Bom Dia Brasil* você vê o pessoal bem vestido, a menina bonitinha sentada na poltrona. No *Jornal Nacional* você só vê a cara. E mais nada. (Tadeu, 66 anos, economista, assiste à TV seis horas por dia)

Pela descrição do entrevistado, o canal japonês usa o cenário virtual onde imagens de paisagens são exibidas ao fundo. No Brasil, esta técnica é adotada em outros gêneros de programas como: *Globo Repórter* (Rede Globo), *Pelo Mundo* (Globo News), *SBT Repórter* (SBT), mas não nos telejornais.

A Construção da Imagem no Telejornalismo

.....

Passagem de capítulo

LOC VIVO

A SEGUIR:// O PESQUISADOR
BERNARDO PORTUGAL
COMENTA OS DADOS OBTIDOS.///

A GENTE VOLTA JÁ!//

RODA VINHETA

SOBE SOM DA VINHETA